

A PRÁTICA DO KENDÔ NA UNIVERSIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

KENDO PRACTICE AT UNIVERSITY: AN EXPERIENCE REPORT

LA PRACTICA DE KENDO EN LA UNIVERSIDAD: UN RELATO DE EXPERIENCIA

Mariana Harumi Cruz Tsukamoto ¹

Rafael Itsuo Takahashi ²

Manuscrito recebido em: 30 de junho de 2021.

Aprovado em: 23 de setembro de 2021.

Publicado em: 22 de outubro de 2021.

Resumo

O Kendô é uma arte marcial Japonesa que vem ganhando espaço no mundo ocidental. Com características semelhantes à esgrima, proporciona combates entre dois oponentes nos quais o objetivo é golpear o seu adversário com uma espada de bambu, em locais determinados e protegidos por uma armadura. O ambiente universitário, além de ser um espaço de produção e troca de conhecimento acadêmico e científico, também se constitui como um lugar de formação profissional e pessoal. Nesse sentido, entendemos a formação como um processo amplo e que envolve as diferentes dimensões humanas, que na Universidade se desenvolvem em atividades com características diversas: nas aulas em sala, em aulas de campo, nos laboratórios, nas entidades estudantis, no envolvimento em projetos (artísticos, culturais e esportivos por exemplo), entre outras. O presente relato de experiência tem como objetivo descrever as ações realizadas para o desenvolvimento de um projeto de prática de Kendô voltado para iniciantes no ambiente universitário, bem como compartilhar alguns desafios encontrados ao longo desta empreitada. O projeto em questão foi desenvolvido na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, em diferentes formatos nas diversas edições ocorridas entre 2015 e 2019. Contou com a participação de pessoas da comunidade interna e externa e promoveu intercâmbios entre os inscritos e praticantes de outras localidades. Os desafios impostos que mais se destacaram, observando-se o período em questão, foram o provimento do equipamento necessário para a prática e a heterogeneidade das turmas, no que diz respeito ao nível de prática.

Palavras-chave: Ensino; Atividades de Extensão; Artes Marciais.

¹ Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo. Professora no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Esportivas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5410-8787>

Contato: maharumi@usp.br

² Mestrando em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Universidade de São Paulo. Graduado em Artes Visuais, Pintura, Gravura e Escultura pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2154-4368>

Contato: takahashi.usp@usp.br

Abstract

Kendo is a Japanese martial art that has been spreading in the Western world. With features similar to fencing, it provides combat between two opponents in which the objective is to strike your opponent with a bamboo sword, in specific places that are protected by armor. The university environment, in addition to being a space for the production and exchange of academic and scientific knowledge, is also a place for professional and personal training. In this sense, we understand that formation is a broad process that involves different human dimensions, which at the University are developed in activities with different characteristics: in classrooms, in field classes, in laboratories, in student bodies, in involvement in projects (artistic, cultural and sports, for example), among others. This experience report aims to describe actions taken to develop a project aimed at beginners in the university environment, as well as share some challenges encountered throughout this endeavor. The project was developed at the School of Arts, Sciences and Humanities of the University of São Paulo, in different formats in the various editions held between 2015 and 2019. It had the participation of people from the internal and external community and promoted exchanges between subscribers and practitioners from other locations. The challenges that stood out the most, observing the period considered, were the provision of the necessary equipment for the practice and the heterogeneity of the classes regarding the level of practice.

Keywords: Teaching; Extension Activities; Martial Arts.

Resumen

El Kendo es un arte marcial japonesa que ha ido ganando terreno en el mundo occidental. Con características similares a la esgrima, brinda combate entre dos oponentes en el que el objetivo es golpear a tu oponente con una espada de bambú, en lugares específicos y protegido por una armadura. El contexto universitario, además de ser un espacio de producción e intercambio de conocimientos académicos y científicos, es también un lugar de formación profesional y personal. En este sentido, entendemos la formación como un proceso amplio que involucra diferentes dimensiones humanas, que en la Universidad se desarrollan en actividades con distintas características: en las aulas, en las clases de campo, en los laboratorios, en los cuerpos de estudiantes, en la implicación en proyectos (artísticos, culturales y deportivos, por ejemplo), entre otros. Este relato de experiencia tiene como objetivo describir las acciones tomadas para desarrollar un proyecto dirigido a principiantes en el ámbito universitario, así como compartir algunos desafíos encontrados a lo largo de este esfuerzo. El proyecto en cuestión fue desarrollado en la Facultad de Artes, Ciencias y Humanidades de la Universidad de São Paulo, en diferentes formatos en las distintas ediciones realizadas entre 2015 y 2019. Contó con la participación de personas de la comunidad interna y externa y promovió intercambios entre suscriptores y profesionales de otros lugares. Los desafíos que más se destacaron, observando el período observado, fueron la dotación del equipamiento necesario para la práctica y la heterogeneidad de las clases en cuanto al nivel de práctica.

Palabras clave: Enseñanza; Actividades de Extensión; Artes Marciales.

Introdução

No mundo contemporâneo, a preocupação com a promoção da saúde e o desenvolvimento de atitudes no sentido de garantir uma boa qualidade de vida para todas as pessoas é uma realidade. Desde a década de 1980, com a publicação da Carta de Ottawa na Primeira Conferência Internacional de Promoção à Saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1986), diversos países vêm desenvolvendo ações nos níveis pessoal, social, político e institucional, com vistas à construir uma sociedade mais saudável (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011).

No bojo de iniciativas possíveis para o desenvolvimento da promoção da saúde, figura a oferta de atividades físicas. Dentre as diferentes opções de ações possíveis nesta área, encontram-se as mais diversas práticas corporais, dentre elas, as lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate (CORREIA; FRANCHINI, 2010). Os dados levantados pelo Ministério do Esporte (2016) no Diagnóstico de Práticas Esportivas, constatou que a práticas de artes marciais, lutas e modalidades esportivas de combate ficam em quinto lugar na preferência da população brasileira, atrás do soberano futebol, das atividades de academia, da caminhada e afins, e do voleibol.

O presente relato de experiência tem como objetivo descrever as ações realizadas e os desafios encontrados no projeto de extensão "Kendô na EACH", que promoveu por cinco anos a prática do Kendô para iniciantes, na Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

Kendô: aspectos históricos e características principais

A *All Japan Kendo Federation* define Kendô como “um esporte que é praticado por meio de golpes um a um entre oponentes usando *shinai*³ e vestindo *kendô-gu*⁴; uma forma de *budô*⁵ que visa treinar a mente e o corpo e cultivar o caráter através da prática contínua (2011b, p. 51, tradução nossa)”⁶.

O percurso histórico do Kendô foi influenciado por diversos fatos da história do Japão, principalmente relacionados às guerras. Sua origem se remete à doutrina dos samurais, que há mais de 500 anos estabeleceram técnicas de lutar e matar com a espada, as quais foram aprimoradas ao longo do tempo.

As espadas japonesas, denominadas *nihontô*, começaram a ser desenvolvidas na Era Heian (794 - 1185) e no mesmo período houve a profissionalização da classe guerreira. Durante a Era Kamakura (1185 - 1333), houve a ascensão dos samurais que tomaram o controle do governo do país e estabeleceram o primeiro shogunato. Os primeiros estilos de combate que faziam uso da espada, *Nen-ryû*, *Shintô-ryû* e *Kage-ryû*, surgiram durante o período Sengoku (1467 - 1568), o de maior instabilidade política no Japão (ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 2011c). Após mais de 100 anos de guerras internas e um longo processo de unificação, que começou com o shogun Nobunaga Oda e terminou com Tokugawa Ieyasu, teve início a Era Edo (1603 - 1868). Neste período emergiram inúmeras escolas e estilos de *kenjutsu* pelo Japão, e alguns deles, como o *Jikishin Kage-ryû* e o *Itto-ryû*, começaram a desenvolver equipamentos de proteção para a prática da esgrima (ALL JAPAN KENDÔ FEDERATION, 2011c; KOBAYASHI, 2008).

³ Espada de bambu utilizada para a prática do Kendô.

⁴ Equipamento de proteção usado no kendô, também chamado de *bôgu*.

⁵ Caminho marcial que visa o desenvolvimento humano através do treinamento.

⁶ No original: An athletic sport which is played by means of one-on-one striking between opponents using *shinai* and wearing *kendô-gu*; a form of *budô* which aims to train the mind and body and to cultivate one's character by continuing practice.

O fim da Era Edo, no final do século XIX, foi um momento de grandes mudanças para o Japão. Após quase 200 anos de isolamento, em 1854, com a chegada dos navios sob comando do comodoro Matthew C. Perry à baía de Tóquio, teve início o processo de abertura do Japão para o mundo (SAKURAI, 2007).

Ainda durante o século XIX, os samurais deixam de ser uma classe social e as técnicas de combate tradicionais como o *kenjutsu*, adotadas até então, deixam de ser usadas, e passam a ser adotados "métodos ocidentais de treinamento, em especial os métodos alemão e francês, dentro das forças armadas" (KOBAYASHI, 2010, p. 241). Assim, todo arsenal técnico desenvolvido no *kenjutsu*, passa a pôr adaptações - como a alteração do equipamento utilizado, da espada de metal para a espada de madeira (e posteriormente de bambu), e a criação de um conjunto de regramentos. E assim o *Kendô* começa a surgir.

Desse momento em diante, as artes marciais desenvolvidas no país passam a ser conhecidas como *gendai budô* ou *budô* moderno. A Associação Japonesa de *Budô* formada em 2008, cujos membros são as federações de *judô*, *kendô*, *kyudô*, *sumô*, *karatedô*, *shôrinji kempo*, *naginata* e *jukendô*, a Fundação *Aikikai* e a Fundação *Nippon Budokan* define *budô* como:

uma forma de cultura física japonesa que tem suas origens na antiga tradição do *bushidô* - literalmente, "o caminho do guerreiro". Os praticantes de *budô* desenvolvem habilidades marciais e técnicas enquanto se esforçam para unificar mente, técnica e corpo; para desenvolver seu caráter; para aumentar seu senso de moralidade; e cultivar um comportamento respeitoso e cortês. Assim, o *budô* serve como um caminho para a autoperfeição. *Budô* como um termo geral se refere às modernas disciplinas de artes marciais japonesas compostas de *jûdô*, *kendô*, *kyûdo*, *sumô*, *karatedô*, *aikidô*, *shôrinji kempô*, *naginata*, e *jukendô*. (THE JAPANESE BUDO ASSOCIATION, 2014, s/p, tradução nossa)⁷

⁷ No original: a form of Japanese physical culture that has its origins in the ancient tradition of *bushidô* – literally, "the way of the warrior." Practitioners of *budô* develop technical martial skills while striving to unify of mind, technique and body; to develop their character; to enhance their sense of morality; and to cultivate a respectful and courteous demeanour. Thus, *budô* serves as a path to self-perfection. *Budô* as a general term refers to the modern Japanese martial arts disciplines comprised of *jûdô*, *kendô*, *kyûdo*, *sumô*, *karatedô*, *aikidô*, *shôrinji kempô*, *naginata*, and *jukendô*.

Após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, o país foi ocupado pelas forças Aliadas (1945-1952). Durante a ocupação a prática do *Kendô* e de outras artes marciais foi proibida devido a sua relação com o militarismo e seu uso efetivo durante a guerra. Essa proibição teve início em 1945, com a proibição da prática nas escolas seguida da proibição do *Kendô* no treinamento da polícia, em 1949. A retomada da prática do *Kendô* foi gradual e começou sob o nome de *Shinai Kyôgi* (competição de *shinai*). Em 1950, é criada a Federação Japonesa de *Shinai Kyôgi* e em 1952 é criada a All Japan *Kendô* Federation, essas duas instituições coexistem até 1954 quando a All Japan *Kendo* Federation incorpora a Federação de *Shinai Kyôgi* (KOBAYASHI, 2010).

Em 1970, a Federação Internacional de *Kendô* (FIK), foi fundada como órgão responsável pela divulgação e promoção mundial desta prática. À época eram 17 países filiados, entre eles o Brasil; já em 2018 eram ao todo 59 países filiados. O *Kendô* chegou ao Brasil com os imigrantes japoneses, no início do século XX. Atualmente, esta arte marcial é praticada majoritariamente em academias e associações culturais japonesas, e está presente em muitos estados do nosso país (São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Pará, Minas Gerais, Espírito Santo e Distrito Federal). No entanto, a maior concentração de praticantes está no Estado de São Paulo. A maior entidade responsável por gerir o *Kendô* no Brasil é a Confederação Brasileira de *Kendô* (CBK).

Em 20 de março de 1975, a All Japan *Kendo* Federation conceitua o *Kendô* como "disciplinar o caráter humano através da aplicação dos princípios do Katana (espada)" (ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 2011a, pg. 07).

A FIK ainda enumera os propósitos de se praticar *Kendô*: moldar a mente e o corpo, cultivar o espírito vigoroso através do treino correto e rígido, esforçar-se para a melhoria da arte do *Kendô*, basear a prática na estima humana e na honra, se relacionar com os outros com sinceridade e perseguir para sempre o cultivo interior.

A prática da modalidade demanda a utilização de um conjunto de peças, que formam o seu "uniforme" (ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 2011a). O *keiko-gi* é uma espécie de casaco, feito de algodão ou material sintético, semelhante ao *Kimono* do judô, é utilizado na parte superior do corpo; na parte inferior, utiliza-se o *hakama*: espécie de

calça/saia, com pregas. Sobre esta vestimenta, que forma a primeira camada de proteção do corpo, é utilizado o *bôgu*, armadura formada por quatro partes (*men*, *kote*, *dô* e *tare*), rígidas ou semirrígidas, as quais além de proteger, também determinam os locais nos quais é permitido golpear e pontuar.

Além dos itens supracitados, o praticante deve ainda estar munido de uma *shinai*, espada de bambu utilizada nos treinos em que existe contato com o parceiro, e o *bokutô*, espada de madeira utilizada na prática do *kata*, treino que simula combates. Como é possível perceber, a importância atribuída ao corpo é apenas uma pequena parte do *Kendô*, ou seja, essa arte não se resume somente ao fator físico, mas valoriza também questões como a conduta pessoal, as relações interpessoais e o autoconhecimento. Ainda que possuísse origens no *kenjutsu* - que enfatizava o combate técnico - o *Kendô* começa a ser estruturado no período pós ocupação com o propósito de desenvolver o caráter e a disciplina do espírito (BENNETT, 2004; ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 2011a).

O desenvolvimento do praticante pode ser avaliado a partir do sistema de graduação que existe nesta prática. No Brasil, quem regulamenta e realiza tais avaliações é a CBK. Essas, a depender do grau almejado, são constituídas por prova prática (execução de exercícios e luta contra oponentes), demonstração do *kata* e prova teórica.

A primeira graduação possível a um praticante no contexto nacional é o 10. *Kyu*, exame que pode ser realizado por pessoas com no mínimo 12 anos de idade. Na sequência, os exames atribuem os *Dan*, que no *Kendô* vão de 1 a 8, sendo este último o mais elevado. Para progredir nesta escala, os candidatos precisam respeitar períodos de carência⁸, os quais são essenciais para o aperfeiçoamento e amadurecimento do *kendoka*⁹.

⁸ Detalhes em: <http://cbkendo.com.br/regulamento-exame-de-graduacao-de-kendo-rev-junho-2019/>

⁹ Praticante de *Kendô*.

A prática do Kendô: uma breve descrição

Del Vecchio e Franchini (2012) destacam que o ensino das modalidades de luta e das artes marciais está baseado fundamentalmente na tradição oral, que objetiva manter o conhecimento compartilhado durante as sessões de prática entre aqueles que a presenciaram. Corroborando com Donohue (2017), os autores ressaltam também a influência do sistema *iemoto*¹⁰, especialmente no que diz respeito à relação professor-aluno, baseada na consideração de que o primeiro é o detentor absoluto do conhecimento e a autoridade máxima no *dojô*, portanto, central no processo de ensino-aprendizagem; e ao sistema hierárquico rígido, que estabelece uma série de regramentos que balizam as relações interpessoais no ambiente de prática.

No que se refere pontualmente às ações dos *kendoka*, o objetivo da prática é golpear o adversário com a espada de bambu (*shinai*) em determinados pontos do corpo, essencialmente aqueles que são protegidos pela armadura (*bôgu*). Honda (2012) ressalta ainda a diferença entre acertar e cortar. Considerando que a *shinai* representa a espada, no momento do golpe é imprescindível a utilização correta do implemento e do corpo. Desse modo, ao realizar o movimento, o praticante deve utilizar não somente os membros superiores, os quais estão diretamente relacionados à ação, mas o corpo como um todo - tronco e membros inferiores. Somando-se a isso, o controle da distância, o *timing* e o controle da força aplicada, também são fundamentais para a execução correta. Os golpes possíveis são *men* (quando acerta-se a cabeça), *kote* (quando acerta-se o antebraço), *do* (quando acerta-se o abdômen) e *tsuki* (quando acerta-se o pescoço) (CRAIG, 2015; ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 2011a; HONDA, 2012).

Apesar de existir certa variação de organização de *dôjô* para *dôjô*, geralmente, um treino desta prática é dividido sumariamente em: (1) aquecimento - usualmente realizado com uma sequência de movimentos balísticos, inspirados no *taisô*¹¹, e com a prática de *kihon* (realização dos golpes sem oponente); (2) treino técnico e de condicionamento, momento no qual os golpes (*waza*) são praticados com oponente, mas de modo isolado; e

¹⁰ Segundo Cang (2008), o termo é a combinação de *ie*- casa e *moto* - origem.

¹¹ Tradicional prática de ginástica japonesa.

(3) treino de combate (*ji-geiko*), caracterizado pela prática em dupla da luta propriamente dita, momento no qual os praticantes podem desferir seus golpes em um contexto real (HONDA, 2012).

Outro componente desta prática é o *kata*, que se constitui em um conjunto de movimentos padronizados, que simulam situações de combate e que são fundamentais para a compreensão do *Kendô*. Fazem parte de sua prática dois grupos de *kata*: o *Nihon Kendô Kata*, composto por dez pares de movimento executados com o *bokutô*¹² ou *katana*¹³; e o *Bokuto-ni-yoru Kendô Kihon-waza Keiko-ho*, composto por nove pares de movimentos, praticados com *bokutô*. A prática de ambos é realizada em dupla e não há contato direto entre o golpe aplicado e o praticante (ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 2011a, 2012).

No que diz respeito à idade dos praticantes, Honda (2012) e Nippon Budokan (2009), ressaltam que o *Kendô* é uma prática adequada e dirigida a pessoas de todas as idades. Os praticantes orgulham-se em mencionar que esta é uma prática para a vida toda, sendo voltada para crianças de cinco, seis anos de idade, até idosos, de 80 ou 90 anos de idade. Outro ponto que merece destaque com relação a esta questão é que, em muitos momentos das sessões de treinamento, todos praticam juntos, sem divisão por faixa-etária ou graduação. Espera-se, portanto, que cada um faça aquilo que consegue, dentro de suas possibilidades e que esta troca de conhecimentos também seja uma oportunidade de aprendizado. Honda (2012) comenta que esta é uma atividade nas quais os envolvidos aprendem em conjunto e uns com os outros, não obstante o seu nível ou experiência com a prática.

O autor supracitado também chama a atenção para as diferenças entre a prática do *Kendô* no Japão e no mundo ocidental. Elas passam por questões que vão desde a idade dos praticantes, uma vez que no seu país de origem, os *kendoka* costumam iniciá-la ainda crianças, até questões culturais, manifestadas através do grande número de regras de etiqueta existentes. O autor sinaliza que, no mundo ocidental, a maior parte dos praticantes de *Kendô* inicia os treinamentos na idade adulta e o pratica em média duas

¹² Espadas de madeira semelhantes em formato e dimensão a *katana* e *wakizashi*.

¹³ Espada japonesa, caracterizada pela leve curvatura e o corte em um dos lados.

vezes por semana, o que acarreta em implicações pedagógicas aos *sensei* que precisam ensinar a grupos bastante heterogêneos em termos de idade e nível, geralmente simultaneamente.

Em nosso país, por muito tempo esta modalidade foi quase que absolutamente circunscrita à comunidade de descendentes de japoneses. No entanto, este cenário vem passando por alterações em virtude da própria popularização da cultura japonesa no ocidente, tornando-se possível notar a crescente busca pela prática do *Kendô* por pessoas não descendentes de orientais.

O projeto Iniciação ao *Kendô*

O ambiente universitário, além de ser um espaço de produção e troca de conhecimento acadêmico e científico, também se constitui como um lugar de formação profissional e pessoal. Nesse sentido, entendemos a formação como um processo amplo e que envolve as diferentes dimensões humanas, que na universidade se desenvolvem em atividades com características diversas: nas aulas em sala, em aulas de campo, nos laboratórios, nas entidades estudantis, no envolvimento em projetos (artísticos, culturais e esportivos por exemplo), entre outras (DE MELLO; DE ALMEIDA FILHO; RIBEIRO, 2009).

O projeto Iniciação ao *Kendô* surge com o propósito de contribuir para a formação geral dos participantes, além de se constituir como um momento de prática corporal e de lazer, e uma alternativa para a promoção da saúde dos envolvidos. Em diversos locais do mundo para além do Japão, essa prática tem espaço no contexto universitário, sendo este um dos vetores de sua divulgação e de disseminação no mundo ocidental¹⁴.

O *Kendô* já teve um espaço significativo na Universidade de São Paulo (USP) na década de 1980, quando da vinda de professores japoneses para atuarem na disseminação dessa arte no Campus Butantã. No entanto, com o retorno dos mesmos ao país de origem, gradativamente o projeto minguou, até ser encerrado. Por outro lado, o Campus São

¹⁴ Dados disponíveis no site da All United States Kendo Federation, um dos países com a maior concentração de praticantes no Ocidente, registram 33 *dôjôs* alocados em universidades.

Carlos¹⁵ vem desenvolvendo um projeto de extensão há mais de 20 anos e de maneira muito exitosa.

Além do intuito de resgatar o espaço que o *Kendô* um dia já ocupou na USP, a intenção de conduzir o projeto no Campus Leste da USP, a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), também surge da oportunidade de compartilhar de forma sistematizada o conhecimento que adquirimos ao longo do tempo¹⁶ sobre a prática desta arte marcial.

É importante mencionar também a visita do professor Kunihide Koda, da Universidade de Tsukuba (Japão), como um fator de incentivo para o início do projeto em seu formato de longa duração. Em julho de 2017 o referido professor esteve no Brasil e em visita à Universidade declarou apoio a iniciativas que se propusessem a desenvolver a modalidade.

As edições de curta duração: 2015 e 2016

Em todos os anos, a Comissão de Cultura e Extensão da EACH abre editais para o oferecimento de cursos no período das férias dos estudantes, e que ocorrem geralmente nos meses de fevereiro e julho.

Como uma primeira experiência, em fevereiro de 2015 e 2016, o curso *Introdução ao Kendô* foi proposto na categoria difusão. Foram cursos de curta duração, 4h em cada edição, que tinham como propósitos (1) identificar se haveria o interesse da comunidade pela prática e (2) apresentar brevemente o que seria ela. Na edição de 2015 foram 23 matriculados, dos quais 19 participaram efetivamente e no ano de 2016, 08 matriculados e que efetivamente participaram da vivência.

¹⁵ Para mais detalhes: <http://www.asck.com.br>

¹⁶ Os autores do presente trabalho são praticantes graduados na modalidade, *Kendô* 5° Dan e *Kendô* 2° Dan respectivamente.

Nas duas edições, o curso foi iniciado com uma parte teórica acerca das características da modalidade, equipamentos e materiais. Em seguida foram propostas vivências para apresentar aos participantes o que, de fato, consistia no *Kendô*, uma vez que muitos se inscreviam sem ter o conhecimento prévio. Essas experiências iniciais foram importantes para mapear o espaço disponível e avaliar a sua viabilidade para a execução de outros formatos do projeto, além de explicitar o desafio relativo ao equipamento mínimo necessário para se iniciar a prática, o que será exposto mais adiante.

As edições de longa duração: 2017, 2018 e 2019

Em 2017, o projeto se desenvolveu ao longo de 10 aulas, realizadas entre setembro e novembro deste ano. As aulas tiveram duração de uma hora e foram realizadas entre os turnos da manhã e da tarde, para que estudantes dos dois períodos pudessem ter a possibilidade de praticar. O espaço utilizado era uma sala multiuso, localizada no ginásio da instituição, com 14x07m de dimensão, boa iluminação natural e piso adequado para a prática.

A estrutura das aulas foi variada, mesclando atividades bastante tradicionais do *Kendô* a atividades experimentais, por entender que este também é um espaço no qual novas abordagens para o ensino desta arte marcial podem ser utilizadas. Ao longo desse conjunto de aulas, os participantes tiveram contato com o *reihô*, conjunto de regras de etiqueta próprio das artes marciais japonesas, movimentos básicos de deslocamento e movimentos básicos de manejo da espada.

Um dia de aula típico, iniciava com a acolhida dos estudantes e a organização do espaço, quando necessário. Vale ressaltar que a própria entrada na sala utilizada, o nosso *dôjô*, já marcava o início da prática, uma vez que o *reihô* começa já com a entrada no recinto de prática. Com o espaço organizado, os alunos se posicionavam em fila, respeitando os critérios de experiência na prática e idade, e ocorria um momento de breve meditação como preparação para o que estava por vir.

Em seguida, ocorria um período de aquecimento, por vezes realizado de modo tradicional, com o *taisô*, e em outras com atividades lúdicas de jogos de oposição. Na parte principal da aula, eram desenvolvidos exercícios individuais ou em duplas que permitissem a experiência com os golpes utilizados e na parte final era proposto algum tipo de desafio, que fizesse uso das habilidades trabalhadas, fossem elas de deslocamento, percepção do adversário ou execução de golpes. Caminhando para o encerramento, os participantes se alinhavam novamente para mais um momento de meditação, no qual a proposta era refletir sobre o que havia sido vivenciado. Antes de deixar a sala, os participantes guardavam o material utilizado e a deixavam organizada para a atividade seguinte.

Após um período muito breve de divulgação, por e-mail e pelas redes sociais, os interessados começaram a procurar os canais de comunicação estabelecidos para realizarem a inscrição (e-mail ou contato direto com a professora responsável). No total, 32 alunos se inscreveram, porém somente 21 foram assíduos às aulas. Como existia uma limitação espacial e de material, o número de frequentadores ficou adequado às nossas condições.

O projeto funcionou como um piloto e contou com a participação de pessoas que possuíam como interesse comum as artes marciais e a cultura oriental, o que era possível captar a partir dos momentos de interação logo antes ou logo após as sessões de prática. Foi possível perceber uma predominância de interesse dos homens pela atividade, ainda que muitas mulheres tenham se matriculado. Outro dado levantado junto aos inscritos foi o seu curso de procedência, no caso daqueles que eram alunos da EACH. Estudantes de diversos cursos procuraram o projeto (Educação Física e Saúde, Gerontologia, Gestão de Políticas Públicas, Licenciatura em Ciências da Natureza e Lazer e Turismo), mas a predominância foi de estudantes do curso de Sistemas de Informação (oito inscritos).

Em 2018 e 2019 o número de inscritos ao longo dos anos foi respectivamente 54 e 109, entre os quais estudantes da própria escola, funcionários da EACH e público da comunidade externa. Os números representam aqueles que preencheram o formulário de inscrição que passou a ser adotado e participaram das aulas em algum momento do ano. Por outro lado, a média de alunos por aula girou em torno de 20 pessoas, número

adequado para o local em que a aula ocorria¹⁷. Entre os participantes "flutuantes", identificamos pessoas que apareceram somente em uma aula, pessoas que deixam de frequentar as aulas em períodos de provas na universidade, e aqueles que apareciam apenas esporadicamente. Certamente esta variação no número e no perfil de frequentadores (novatos e experientes) trouxe desafios pedagógicos para o desenvolvimento do projeto, mas sem comprometer o seu objetivo principal que foi o de divulgar esta arte marcial e oportunizar a sua prática.

O projeto também ofereceu alguns momentos diferenciados aos alunos como:

- Visita e experimentação da prática em um outro *dojo*. Em algumas oportunidades, os estudantes visitaram o Bunkyo Kendô, *dojo* bastante tradicional localizado no bairro da Liberdade (na cidade de São Paulo) e puderam praticar com pessoas mais experientes, o que no ambiente das artes marciais é um momento bastante valorizado e importante. O principal objetivo das visitas foi proporcionar oportunidades para que os participantes do projeto tivessem contato com um ambiente de treino formal, pudessem observar o uso da vestimenta e da armadura e a sua influência para a prática, bem como dinâmicas de prática mais avançadas, as quais não eram possíveis no projeto naquele momento.
- Professores convidados: em 2019, contamos com a participação de dois professores convidados em algumas aulas. Ryosuke Nakatake, 5° Dan foi voluntário da Japanese International Cooperation Agency (JICA) e estava no Brasil justamente em missão para a divulgação do Kendô; e de Rafael Itsuo Takahashi é praticante de Kendô, 2° Dan e era aluno especial de uma disciplina da pós-graduação na EACH no semestre em que participou das aulas. À época, a contribuição dos dois foi bastante importante pois, com mais de dois anos de projeto, era possível observar certa heterogeneidade na turma. Ainda que todos fossem ainda considerados iniciantes, havia aqueles que faziam aulas desde que o projeto se iniciou em 2017 e já estavam num estágio mais avançado do que

¹⁷ Caso este número fosse regularmente maior do que 30, a aula seria transferida de lugar - para uma quadra poliesportiva - que acomodaria melhor o grupo.

outros que acabavam de conhecer a prática. A presença de outros professores permitiu a subdivisão da turma e o oferecimento de atividades diferenciadas em determinados momentos.

- O projeto recebeu em três oportunidades a visita de missões de voluntários da JICA, formada por estudantes universitários japoneses e praticantes de *Kendô*, que estiveram no Brasil para a divulgação desta arte marcial. Nessas oportunidades, contamos com o auxílio de um voluntário para intermediar a tradução e tornar a comunicação possível. Ainda que tenham sido visitas curtas, tais momentos se tornaram importantes pela troca cultural proporcionada. Para os alunos do projeto, foi uma oportunidade ímpar, já que puderam assistir às demonstrações de *Kendô* de altíssimo nível (de execução de golpes e de combate), além de experimentarem o modo japonês de ensinar.

Desafios e perspectivas

Ao longo do período em que o projeto foi oferecido, alguns desafios surgiram. No que diz respeito ao equipamento, o essencial para o início da prática, como já foi mencionado, é a *shinai*. Normalmente, em um *dojo* tradicional, esta é uma exigência já nas primeiras aulas. No entanto, para o público-alvo deste projeto, isto poderia ser um obstáculo que afastaria os estudantes universitários, em virtude do custo relativamente elevado. Desse modo, fizemos a opção por fazer o empréstimo das *shinai* em todas as aulas aos matriculados. Ainda que o equipamento disponível fosse de segunda mão, doado por praticantes de outro *dojo*, foi o suficiente para que as aulas ocorressem e de forma segura. No início do ano de 2020, antes das atividades serem suspensas por conta da pandemia, alguns praticantes, que já estavam há muito tempo no projeto, decidiram por adquirir suas próprias *shinai*.

Num *dojô* tradicional, normalmente, após um período fazendo aula como *shoshinsha*¹⁸, o praticante passa a utilizar partes do equipamento da armadura, numa preparação para a sua passagem para a condição de aspirante¹⁹. Como mencionado, alguns alunos passaram meses no projeto e demonstravam significativa aprendizagem, porém até aquele momento não tínhamos condições de oferecer o empréstimo da armadura e entendíamos que a proposta de aquisição por parte dos alunos era algo inviável em virtude do custo elevado. Assim, passou a ser um desafio também buscar alternativas de situações de aprendizagem para que eles continuassem motivados e progredindo, ainda que sem as condições materiais adequadas.

Do ponto de vista pedagógico, o projeto permitiu a reflexão sobre o próprio modelo de ensino hegemônico utilizado nas artes marciais, inclusive no *Kendô*, e a busca de possíveis alternativas. Uma questão que se sobressai quando consideramos este ponto é que, como apontado por Del Vecchio e Franchini (2012), nessas práticas há a predominância do ensino e do aprimoramento das habilidades em situações muito distintas das quais elas serão de fato empregadas. Nesse sentido, apesar da imprevisibilidade ser um fator intrínseco aos combates, observamos com frequência absoluta durante os treinos e sessões de prática, a repetição descontextualizada e mecânica. No caso do nosso público em específico, o desafio era pensar em atividades que proporcionassem a sensação de imprevisibilidade, ainda que numa condição bastante limitada, por conta da impossibilidade do contato corporal em virtude do nível dos praticantes. Nesse sentido, fizemos uso de estratégias como o uso de jogos de oposição e a adoção de estilos de ensino mais produtivos, como a descoberta guiada (MOSSTON; ASHWORTH, 2008).

Consideramos que o projeto, além de ser uma possibilidade de promoção de atividade física para a comunidade, do modo como é oferecido - gratuitamente e de modo acessível a qualquer interessado - contribuiu para uma ruptura inicial no que diz respeito ao seu caráter elitista do *Kendô*, em virtude do alto custo envolvido regularmente em um *dojô* regular. Além disso, o fato dele ocorrer no extremo leste da cidade de São Paulo, onde

¹⁸ Praticante iniciante.

¹⁹ Praticante ainda considerado iniciante, mas que já treina com armadura completa e participa dos treinos de combate propriamente.

fica localizada a EACH, também é relevante, uma vez que não existem *dojo* nesta região e, possivelmente, por conta da distância, alguns dos participantes não teriam a oportunidade de ter uma experiência com esta arte marcial.

Em 2020 realizamos apenas duas aulas, uma vez que as atividades foram suspensas em virtude da pandemia. Durante todo este período optamos por não manter atividades regulares de modo remoto, uma vez que já há uma grande sobrecarga neste sentido sobre os estudantes universitários, que compõem a maioria do nosso público. No entanto, assim que possível, pretendemos retomar o projeto cientes de que teremos que "voltar algumas casas" e talvez, recomeçamos. Porém, consideramos ser este um importante espaço de interação social, de incentivo à vida ativa, de intercâmbio cultural e de aprendizagem que, portanto, merece ser preservado.

Referências

ALL JAPAN KENDO FEDERATION. **Kendo Fundamentals**. Tokyo: Satou-Insyokano Inc., 2011a.

ALL JAPAN KENDO FEDERATION. **Japanese-English Dictionary of Kendo**. 2. ed. Tokyo: All Japan Kendo Federation, 2011b.

ALL JAPAN KENDO FEDERATION. **The Official Guide for Kendo Instruction**. Tokyo: All Japan Kendo Federation, 2011c.

ALL JAPAN KENDO FEDERATION. **Training Method for Fundamental Kendo Techniques with a Bokuto** (Bokuto-ni-yoru Kendo Kihon-waza Keiko-ho). Tokyo: Rokuseisha Insatsu, 2012.

BENNETT, A. **A brief synopsis of the history of the modern kendo**. Kendo World, v. 3, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.kendo-world.com>> Acesso em 01/05/2017.

CANG, V. G. Preserving Intangible Heritage in Japan: The Role of the Iemoto System. **International Journal of Intangible Heritage**, v.3, p. 71 - 81, 2008.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**. Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 01 – 09, 2010.

CRAIG, D. M. **A arte do Kendô e Kenjutsu**. São Paulo, Madras, 2015.

DE MELLO, A. F.; DE ALMEIDA FILHO, N.; RIBEIRO, R. J. Por uma Universidade socialmente relevante. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 292-302, mar. 2010. ISSN 1809-0354. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1718>>. Acesso em: 22 out. 2021. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2009v4n3p292-302>.

DONOHUE, J. J. Modern educational theories and traditional martial arts training methods. In: DeMARCO, M. A. (Org.) **Teaching and learning martial arts**. Santa Fe: Via Media Publishing Company, 2017.

Del VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. Princípios pedagógicos e metodológicos no ensino das lutas. In: FRANCHINI, E.; Del VECCHIO, F. B. **Ensino de lutas: reflexões, propostas e programas** (Orgs.). São Paulo: Scirtecci Editora, 2012, p. 09 - 27.

HONDA, S. **Kendo: approaches for all levels**. Bunkasha International Corporation, 2012.

MOSSTON, M.; ASHWORTH, S. **Teaching Physical Education**. First online edition, 2008.

THE JAPANESE BUDÔ ASSOCIATION. **The Definition of Budô**. 2014. Disponível em: https://www.nipponbudokan.or.jp/english/teigi_eng. Acesso em: 27 maio 2021.

KOBAYASHI, Luiz. **Peregrinos do Sol: A Arte da espada samurai**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Diesporte: Diagnóstico Nacional do Esporte – Caderno 2** (2016). Disponível em: http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_revista_2016.pdf. Acesso em 01 de junho de 2017.

SAKURAI, Célia. **Os Japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The Ottawa charter for health promotion**. (1986) Disponível em: < <http://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/ottawa/en/> > Acesso em 25 de maio de 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (regional office for Europe) **Promoting sport and enhancing health in European Union countries: a policy content analysis to support action**. (2011) Disponível em < http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0006/147237/e95168.pdf. > Acesso em 25 de maio de 2017.